

“ENTRE A ESPOSA VIGILANTE E A MULHER PÚBLICA: AS REPRESENTAÇÕES DO COMPORTAMENTO FEMININO EM “CANTARES BOHÊMIOS” (FORTALEZA 1888-1906)”

Albertina Paiva Barbosa¹

RESUMO:

O trabalho a seguir tem por objetivo o estudo das representações da mulher nas poesias selecionadas da obra “Cantares Bohêmios”, publicada em 1906, sob autoria de Raimundo Ramos filho, conhecido por Ramos “Cotôco”. Diante disso, a justificativa para o estudo está no fato de sobre suas poesias existir poucos trabalhos produzidos e, para além disso, analisar o olhar que o autor tem sobre essa personagem. A problematização consiste em saber quais “tipos” de mulheres ele conseguiu descrever em suas poesias. Para isso, a metodologia utilizada consistiu na verificação das próprias poesias além das fontes auxiliares como os Almanques do Instituto Histórico do Ceará e periódicos. A relevância do trabalho está em abrir novas possibilidades de estudos dessa temática no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: 1. CANTARES BOHÊMIOS; 2. MULHERES; 3. REPRESENTAÇÃO

“De rigor, a Capital do Ceará só depois do meado do século, experimenta mais positivos alentos na sua vida social, econômica e cultural.” (GIRÃO, 1997: 27) Como afirmou Raimundo Girão, a capital do Ceará localizada na segunda metade do século XIX, encontrava-se em tenra expansão. Compreendida, para a escrita dessa monografia, entre os anos de 1888 a 1906, temos uma Fortaleza acrescida de novos lugares de sociabilidade, como a construção de praças do Ferreira e o Passeio Público e os clubes de festas (PONTE, 1999) além de que, esses eram espelhados em influências estrangeiras, como exemplo, na formação de grupos de estudos de homens letrados que debatiam entre si “as ideias de caráter político, literário e/ou filosófico” (OLIVEIRA, 2002: 73) e que se misturavam aos tons de cidade pequena.

¹ Estudante do curso de História da Universidade Estadual do Ceará, cursando o último semestre. Aluna Bolsista PROVIC/UECE do Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas, atuando no eixo Práticas Letradas e Urbanidades, sob a coordenação do Prof^o. Dr^o Gleudson Passos Cardoso (UECE).

Em momentos anteriores, Fortaleza não tinha seus espaços tão organizados. Escrevendo suas memórias na obra “Scenas e Typos”, obra que contém uma miscelânea de textos seus sobre diferentes temáticas que fizeram parte de seu cotidiano, o autor Rodolpho Theóphilo² comenta que

“Fortaleza nesse tempo era uma aldeia, as casas mal acabadas, baixas, as ruas tortas, como as que ainda existem na Travessa do Rosário, que vai sair na Praça dos Voluntários. O cunho de beleza que tem hoje a cidade deu-lh’o boticário Ferreira, quando presidente da Camara Municipal.

Fortaleza era edificada em um areal sáfaro, como se vê ainda hoje nos subúrbios, o que muito dificultava o transito.” (THEÓPHILO, 1919: 36)

O ideal de civilização moderno advindos, principalmente da Inglaterra e da França, foi lançado por grupos considerados da elite fortalezense que impuseram aos espaços da cidade e as pessoas novos modos de etiqueta, comportamento; novos valores de ideias que iriam mudar grande parte daquela realidade. A utilização do conceito civilização advém do significado exposto por Norbert Elias, quando aponta

“(…) refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. (...) nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada” (ELIAS, 1994: 23)

Quando Elias aborda sobre essas modificações nos quesitos técnicos e psicológicos, identificamos na cidade de Fortaleza durante esse período a inserção dessas mudanças e permanências, principalmente no que consiste ao comportamento das mulheres e a sua “falta” de racionalidade. O final do século XIX é marcado para vários países no mundo, inclusive França e Inglaterra com “as certezas racionais da ciência do século XIX, inimiga da superstição e do privilégio, espírito que presidia a instrução e o esclarecimento, prova e garantia do progresso...” (HOBSBAWN, 2011: 407). Essas influências que auxiliariam na construção de “novos” comportamentos são

² Médico sanitaria, escritor e comerciante brasileiro nascido em Salvador, Estado da Bahia, de extremo espírito público e inventivo, criador do refrigerante *cajuína*, não só do produto, como também do nome. Filho e bisneto de médicos, cedo ficou órfão, tendo de trabalhar como caixeiro para o próprio sustento e foi para o Ceará com apenas 15 dias de idade. Voltou à Bahia e formou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia. Após sua formatura, retornou ao Ceará. Empreendeu uma batalha pessoal contra a varíola, lutando contra o medo da vacina, sem recursos, em tempo de seca, fome, da migração em massa e em péssimas condições de higiene. Sem apoio do poder público, enfrentou praticamente sozinho, em duas oportunidades, epidemias de varíola que vitimou milhares de pessoas em Fortaleza e interior do Ceará, no final do século XIX e início do século XX.. Faleceu em Fortaleza, aos 79 anos. Ver mais em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RodolTeo.html>.

vistos e, em parte, absorvidos pelo Brasil e, por Fortaleza, de forma a se inserirem no novo quadro internacional.

No que consiste ao comportamento, é visto que essas mudanças não são para todos, principalmente, para as mulheres, pois grande parte delas ainda deve passar por essa permanência de ainda ser submissas, mas aos poucos, conseguiriam alcançar o espaço de fora de suas casas, ou indo a festas formais, como seria o caso das mais ricas ou a trabalhar fora de casa buscando o sustento de suas famílias, como é o caso das mais pobres. O espaço e direitos públicos seriam alvo, ao longo do século XX, de discussões na política brasileira, esta por sua vez, não se modificara tanto no que consiste a sua prática desde os seus primórdios de colônia.

Ainda na década de 1870, a seca mais conhecida que avassalou a região do interior cearense, datada dos anos e 1877 a 1879, transformou a vida de centenas de sertanejos que, sem alternativas em suas regiões de origem, tiveram que migrar para a capital em busca de socorro e proteção. Eles se depararam com as Comissões de Socorros Públicos com a metodologia dos abarracamentos (SAMARA E SOUSA, 2006: 45).

Contudo, esses serviços não atenderam tal demanda de modo que aplacasse as necessidades de cerca de 43.000 pessoas (IDEM) que vieram de seus torrões natais cearenses por causa da seca. O próprio sistema sanitário não possuía assistência o suficiente que pudesse abarcá-las. Doenças como a febre amarela e, principalmente, a varíola assolaram a vida de milhares desses miseráveis. Foram criadas a Santa Casa de Misericórdia e o Lazareto da Lagoa Funda que foram instituições usadas para o controle, sem sucesso, dessa doença na população. Essa doença que atingiu não somente a camada mais pobre, mas a ala dita mais elitizada (PONTE, 1999).

A propósito do sistema de barracões, Rodolfo Theófilo em seu livro “Scenas e Typos” comenta em seu texto “O Ceará ferreiro da maldição” sobre ser preferível morrer em plena caminhada à capital do que ser atendido em um dos vários barracões existentes;

“(…) Aquelles que se acabam pelos caminhos, antes de chegarem ao porto de salvação, são mais felizes, embora fiquem sem cova e sem cruz, apodrecendo nas estradas, cevando a gula dos urubus.

Para que vencer a estrada da fome e cair na estrumeira de um abarracamento de retirantes?”(THEÓFILO, 1919:5)

Ainda no final da década ora exposta, temos a inserção através do golpe militar, liderado por marechal Deodoro da Fonseca, que implementa o regime republicano no País. Diante disso, temos uma nova posição política que terá como objetivo a inserção do Brasil nesse novo quadro internacional.

De acordo com Mary Rodrigues, a república brasileira foi inspirada aos moldes da corrente filosófica positivista, no “conjunto do pensamento liberal e cientificista do século XIX” (RODRIGUES, 1997: 59). Em anos anteriores, mesmo ainda sendo província do império, Fortaleza teria sido contemplada com a construção de escolas. Cinco anos antes da implantação da república, tivemos a criação da Escola Normal no ano de 1884³. Tendo como principal objetivo a formação de professores, foi alvo principal das mulheres com condições financeiras medianas. Mas ainda assim, é sabido que os princípios positivistas não chegam de modo igualmente benéfico tanto aos homens e quanto para as mulheres, pois elas ainda seriam alvo de valores que a colocariam enquanto seres idealizados⁴ enquanto que o ser masculino deveria ser dotado de dons racionais.

Em virtude das influências advindas do estrangeiro, irão ser criados lugares que representassem o desejo de ascendência econômica e cultural da cidade. Os grupos mais abastados influenciaram nesse aspecto, pois deveriam agir como agentes que levavam consigo, na sua forma de pensar e nas suas atitudes, a característica de serem civilizados. Como supracitado, a ideia de civilização é trabalhada de maneira a privilegiar uma camada da população cearense, dessa forma, ocorrerá por outro lado, a exclusão de grande faixa do povo fortalezense que não tinha recursos financeiros para acompanhar essas grandes modificações. Contudo, existiram lugares que foram espaços divididos por esses grupos que, aparentemente de modo pacífico, conviviam entre eles.

O fim do século XIX chegou e, com ela, as tentativas de “regeneração urbana” continuam. Ainda assim, a ideia de desenvolvimento teve de conviver, por algum tempo, com o reaparecimento e expansão da varíola. Entre os anos de 1900 a 1904, a Inspeção não possuindo agentes de saúde de modo suficiente, só tendia a vacinar o

³ Sobre a Escola Normal veja no Relatório de Província do ano de 1884 “Judiciário, polícia e educação”, podendo ser visto em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u225/>.

⁴ A idealização da mulher na corrente positivista tem a ver com o fato de que ela representaria o ideal de humanidade, advinda da pátria e da família. Leia sobre isso em CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

público que recorresse aos seus postos, ou seja, em grande parte oriundos da cama rica e média da cidade (PONTE, 1999: 107).

Apesar dessa baixa e tentando amenizar a situação higiênica que, em Fortaleza, precisava de melhores cuidados, no ano de 1908, iniciou-se com o projeto do engenheiro João Felipe Pereira as obras de saneamento básico. Mesmo com a deposição de Antônio Accioly, em 1912, elas não pararam e, em 1913, já tinha *os* “17 maiores encanamentos dos 31 previstos para a rede de distribuição” (PONTE, 1999: 106). No entanto, será somente em 1927 que esse serviço de abastecimento será inaugurado para os fortalezenses.

Nesse quadro citadino, foi escrita única obra “*Cantares Bohêmios*” ainda em vida, onde foram coletadas 111 poesias, algumas até musicadas, que se teve acesso a elas. Para a confecção desse artigo, foram selecionadas as que tratam sobre o objeto dessa pesquisa, a representação da mulher.

Mas quem é esse “poeta das mulheres”? Nasceu no dia 21 de maio de 1871 em Fortaleza, com um pequeno defeito congênito em seu braço direito, daí o seu pseudônimo “Cotôco” (STUDART, 1915: 78). Seus pais, Raimundo Ramos e Rufina Farias Ramos, tinham na agricultura e no comércio, a base financeira de sua família. Contudo, com a morte de seu pai, aos dezesseis anos, Ramos Cotoco para seus estudos e começa a trabalhar. Fora casado duas vezes, sendo que sua segunda esposa guardara objetos e lembranças do autor, e que, ao que consta, não cedeu a nenhum pesquisador até então. (ALENCAR, 1947: 41-47).

O livro é dividido em duas partes como próprio título sugere. Na sua primeira parte, *Cantares*, é encontrado um Ramos com uma visão romantizada de suas personagens. De acordo com Álvaro Weyne, um de seus principais amigos e autor do prefácio de seu livro, o poeta não conseguiu ser muito original e, portanto, deixou a desejar. Todavia, na sua segunda parte, *Boêmios*, transborda de espontaneidade e criatividade.

Nesse caso, em Fortaleza, temos que a representação ofertada nas poesias da obra “*Cantares Bohêmios*”, pode ser entendida enquanto a convivência em mesmo espaço, contudo em diferentes ambientes, de mulheres que possuíam estilos de vidas diferentes e que conseguiram se inserir ou se excluir com mais força na sociedade.

Dessa forma, é identificado nessas poesias dois comportamentos que denomino aqui de um sendo de uma mulher vigilante e de uma outra denominada mulher pública.

Ramos faleceu em 1916, não se sabe ao certo a causa, mas consta que poderia ter sido problemas hepáticos. Ainda assim, Raimundo Ramos Filho consegue superar, mais uma vez, o tempo que parece obrigá-lo a ser esquecido. Atualmente, o livro pode ser adquirido no Museu do Ceará, na coleção Outras Histórias, a qual também possui edições de livros de outras temáticas e não somente reedições de obras antigas, como é o caso da obra aqui que está sendo trabalhada.

A mulher no final do século XIX, como ora abordado, era um sujeito que tinha, acima de tudo, uma submissão ao homem, pois estava inserida em um sistema patriarcal desenvolvido desde o período colonial e que criou raízes nessa região das Américas, algo que se seguiu ao longo dos séculos. As influências que vieram da Europa, no final do século XIX, em parte, não contribuiram para que a mulher saísse desse *status*, mas pelo contrário, que ela continuasse, mas de modo diferente, a estar submetida ao poder masculino e do Estado. Sobre isso, vejamos o que Michelle Perrot apresenta

“(…) Por outro lado, nem todo feminino é privado. Na família, o poder principal continua a ser o do pai, de direito e de fato. Estudos políticos recentes chegaram a demonstrar que a penetração da ordem republicana nas aldeias veio acompanhada por um reforço do poder do pai, único cidadão integral, sobre a mulher e filhos; a República triunfante tem ares romanos. (...)” (PERROT, 1988: 180)

O homem tendo sua presença reforçada dentro de casa enquanto agente pensador e dotado de, a princípio, da responsabilidade de nutrir a casa, deixa a mulher nesse momento, com o discurso médico moderno, ser conduzida por dois caminhos: o instinto natural e o sentimento de sua responsabilidade com a sociedade (RAGO, 1997: 61).

O principal espaço de atuação de uma mulher aqui classificada como vigilante é a casa, contudo, a maneira como se relaciona consigo mesma, com outras pessoas e outros espaços teriam que se expandir. Diferente de anos anteriores, a mulher agora não estará mais em contato, principalmente, só com seus escravos domésticos, os quais realizavam as atividades dentro de uma casa e fora dela (QUINTANEIRO, 1996), mas naquele momento estaria ocupada com o ato da leitura de algumas obras classificadas para esse público, as preparações de saraus em sua casa, as festas e atos públicos⁵, onde

⁵ Sobre atos públicos temos a questão da filantropia praticada por mulheres abastardas que, por exemplo, atuaram na questão abolicionista com a organização de eventos com o objetivo de arrecadação de fundos

seria convidada em salões festivos e ambientes abertos e também as questões das perspectivas de casamento, considerado um ponto principal na vida da mulher rica que vivesse nesse período.

Analisando a primeira parte da obra nomeada *Cantares* identificamos esse perfil vigilante, ou seja, considerado o mais adequado para que um homem, de preferência rico, pudesse ter acesso para contrair um futuro matrimônio vigiado e saudável.

O perfil idealizado de uma mulher vigilante condiz a um sujeito que siga as normas não somente higiênicas, mas éticas e morais a que essa parte mais elitizada de fortaleza seguia.

Nesse caso, vejamos a seguinte poesia sob o nome de *Rica* de 1903:

“E’s rica: saber não podes
 O que sofre o peito meu;
 Sonhas somente prazeres
 E o prazer p’ra mim morreu.
 (...)
 Não pensas senão em festa,
 Nos delírios do prazer;
 Eu penso nos sofrimentos
 Do meu infeliz viver.

Assim, não podes, nem queres
 Saber meu pezar sem fim :
 E’s tão distante do pobre,
 Como as estrelas de mim.” (RAMOS, 1903: 12)

É visualizado nitidamente que se trata de um poema onde o declamador sofre por um amor não correspondido, mas não sendo somente isso, há aí que a mulher por quem ele chora aparenta ter mais poder aquisitivo do que ele próprio, dessa maneira temos que uma das principais causas dele não poder conseguir algum compromisso: o caso do homem pobre que se apaixona pela mulher rica, um caso de amor considerado impossível, por questões financeiras. Temos aí também que uma mulher considerada portadora de um comportamento ideal deveria preservar pelas posses de sua família,

financeiros para a compra e alforria dos escravos. Ver isso no jornal *Libertador* do ano de 1881, na parte “Gazetilha”, página 3.

pondo que seu casamento não seria necessariamente por amor, mas por questões de negócios entre os pais dos futuros cônjuges, com o objetivo da manutenção do *status* (D'INCAO, 2011: 229). Assim, uma característica da mulher vigilante seria a de proteger, a sua maneira, as posses de sua família se reservando a um casamento que lhes proporcionasse equilíbrio social.

Concordando com Maria Helena Bueno Trigo, temos que esses gostos sentimentais podem ser averiguados na alusão de que “Desenvolve-se uma expectativa de fusão entre amor e casamento e há tentativas de superar a ideia vinda de séculos anteriores de que o amor é um assunto extraconjugal” (TRIGO, 1989: 89). Diante disso, é necessário visualizar alguns desses aspectos expostos na poesia *Noivos* de 1900;

“São noivos! O sol desponta

Cheios de galas, nos céus;

E uma luz vivida aponta

No throno excelso de Deus.

(...)

E' tudo, tudo sorriso,

Junto aos noivos se murmura;

Vêde: até no paraíso

Sorri-se o Pae da natura.

Por isto aos doces noivados

Todos querem assistir

Ver estes laços doirados

Que são azas do porvir.” (RAMOS, 1900: 26)

Nessa poesia, é visualizado o exagero que o autor se utiliza para abordar sobre o casamento. Mas esse exagero faz parte por ser parte de seu estilo romântico nessa primeira parte da obra, além disso, ele se utiliza de elementos que de uma maneira positiva engradece o ato de casar-se. Percebe-se os elementos religiosos como o fato de que “*no throno excelso de Deus*”, “*Sorri-se o Pae da natura*” temos que este abençoa o casal que está para oficializar seu casamento e isso demonstra que a religião tinha sua função como grande influência de expor a todos que aquela união era válida. Questiona-se então o por quê de não termos uma referência ao casamento civil, dado que a

constituição de 1891⁶ estava oficializado em todas as regiões de brasileiras, mas estaria atuante? Isso mostra que no início do século XX, na visão do autor, provavelmente, deveria persistir a visão de que um casamento poderia ser validado de acordo com os ditames da religião católica, principalmente na região fortalezense, onde essa influência era extensa. Sobre isso também podemos verificar, no ano de 1898, no *Almanach Administrativo, Estatístico, Industrial e Litterário* do Instituto Histórico do Ceará, confeccionado por João Câmara, sobre o ano de 1896, na ala de *Estatística*;

“O Decreto que estabeleceu o registro civil no Brazil continua ser letra morta em grande parte da Republica.

No Ceará, sobre tudo, essa utilíssima instituição não tem vingado; apenas na capital e em uma ou outra localidade no interior, se procura dar-lhe execução.

Desse indiferentíssimo, dessa desídia de hoje, que de dificuldades não se creará no futuro?

Nesta capital foram registrados durante o ano de 1896:

Baptizados.....541

Casamentos.....136

Pelos dados fornecidos pelos parochos das duas freguezias desta capital, houve no referido anno:

Nascimentos.....1.737

Casamentos.....315”

Tratando da questão da maternidade, a mulher ideal além de ser responsável por um casamento saudável, era também responsável por dar bom exemplo no ato de serem mães que educassem de maneira correta. Essa era uma das principais funções da mulher naquele período, dado ao fato de que ela era, agora, quem cuidaria mais diretamente das crianças, diferente de um século atrás onde as principais atendedoras dessas crianças eram as escravas domésticas (QUINTANEIRO, 1995).

Temos a poesia *A Mulher* como principal vestígio dessa visão;

“(..)

Como esposa é aurora radiosa

Que da noite penetra no escuro,

Transformando os martyrios em rosa,

⁶ Na primeira constituição brasileira do ano de 1891, temos o artigo 72 parágrafo 4º que afirma “A República só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.” Para saber mais, leia em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm

Nos mostrando o mais bello futuro.

Como mãe é um anjo que guia
Terno bando de meigas crianças,
Amparando-as de noite e de dia
E fazenda-as sonhar esperanças...
(...)"

Nessa poesia, ele tentou decantar as fases que, em sua opinião, passariam parte dessas mulheres. Diante disso, temos que a importância do seu sujeito é posta de maneira tão especial que não cabe somente a um papel social dentro da família. Contudo, isso não significa que ela fique menos submissa ao seu esposo, pelo contrário, o poder do esposo ainda é tão grande quanto meio século atrás, porém nesse momento, é visualizado que ainda que por baixo de toda essa submissão, vai sendo exposta, aos poucos que a participação da mulher, mesmo que no ambiente particular é muito importante e colocado como vital.

Na poesia, percebe-se que, tanto a esposa quanto a mãe, devem estar atentas ao seu esposo e filhos cotidianamente, isso pois a mulher vigilante está para ajudar e servir a construir a sua família civilizada. É ela a outra metade que se faz necessária a ensinar as crianças a sua educação e com isso alimentar esperanças de um futuro promissor. Como mostra Costa "(...) o amor materno, (...), cumpriu esta função. A mãe amorosa conjugava perfeitamente sexo, estabilidade conjugal e responsabilidade com os filhos." (COSTA, 1983: 262).

Vimos que o principal exemplo representativo de mulher era aquela subjulgada e que deveria ter olhos somente para sua casa, filhos e marido. Mas e as mulheres que não conseguiam se inserir nesse patamar?

A segunda parte do livro- Bohemios- contém poesias que abordam sobre essas mulheres que não tendo um bom casamento que pudessem sustenta-las, sendo de classe menos abastardas, tinham que procurar o seu próprio sustento e, além disso, arcar com suas próprias relações afetivas que, na maioria das vezes, eram vistas por grupos normalizadores, como algo que ia contra a ordem.

O trabalho fora de casa para a mulher era algo considerado quase que proibido. Quebrando com a regra de que a mulher deveria ser uma serva do lar juntamente para

estar próxima de seu marido e de seus filhos, a mulher que trabalhasse era praticamente posta a margem de exclusão.

Diversos mecanismos desenhavam a mulher como o “sexo frágil” (RAGO, 1997), inclusive os próprios veículos de comunicação de origem operária que contavam com a mulher não para ser uma força de trabalho que pudesse lutar por seus direitos, mas que originariam “como uma deusa toda-poderosa, [a] força que há de parir a nova sociedade, livre das misérias e das injustiças sociais.” (RAGO, 1997: 66).

Nas poesias do livro não é visto essa mulher com essa força combativa, mas que almeja sua sobrevivência de forma relativamente passiva, procurando cumprir o seu trabalho a fim de não criar confusão com o seu patrão. Vejamos na poesia ATAS de 1897;

“Vae minha criada à feira
E volta a gorda mulata
(...)

E’ tola a Maria, é tola
E nunca ach’ata p’ra mim;
Quando ach’ata, quase sempre
Ou é rachada ou ruim.

-Senhor, me diz, suas compras
Foi Chiquinha que as comprou,
E já estavam na cesta
Quando, zás! a ata rachou.

Supplico que não me culpe
Que é defeito do logar;
Creia, não sou causadora
Desta tal ata rachar.

Procurei todas as vendas
Mas não obter não pude nada,
Não achei atas de vez,
Só achei ata rachada.

Grito, então, para a mulata:
 Ata rachada faz mal,
 E eu não como ata rachada
 Que ata rachou, nada val". (RAMOS, 1897: 71)

Vimos então nessa poesia que, possivelmente, o autor se coloca como um homem rico que tem na sua casa o auxílio de duas empregadas domésticas, pois é citado a existência de duas criadas, pois nesse momento a escravidão havia sido abolida a quase dez anos. Segundo, ele deixa bem claro quem seria a empregada doméstica que faz as compras da tal fruta tão quista, uma “*gorda mulata*”. Dessa forma, também é visto que a mulher que trabalha nas casas mais ricas, provavelmente, deveria ser as negras e mulatas, oriundas de descendência escrava nessa região urbana, que, naquele momento estariam exercendo de sua “liberdade” na república.

O autor nessa poesia consegue empreender que o patrão é o que sempre terá voz, a empregada doméstica aparenta não se importa com o estado físico da fruta, mas sim com o seu emprego, arranando de maneiras passivas sua justificativa para que, provavelmente, não seja dispensada. Isso é percebido, pois o final da poesia deixa a entender que a opinião do patrão em não querer comer a fruta é mais importante do que o provável esforço da empregada doméstica em ter ido a alguns lugares para buscar uma fruta com melhor qualidade.

Nessa poesia também podemos nos questionar sobre o trabalho feminino nesse caso. Dentro da norma considerada aceita, seria o homem quem deveria trazer a renda para as suas famílias, então por que uma mulher mais pobre estaria a fim de ganhar esse dinheiro? De acordo com Michelle Perrot, temos que essas personagens tinham também que auxiliar no sustento familiar com o que ela expõe “salários de trocados”, isso porque a quantia que ela recebia era bem menor do que a de um homem, vejamos

“(…), ela se esforça em trazer à família, unidade econômica fundamental na vida popular, recursos monetários, marginais em períodos normais, às vezes com um destino especial (complemento para os pequenos gostos, diversões ou melhorias no alojamento…), vitais em caso de crise, que sempre acarreta um aumento na atividade feminina, já que é preciso compensar o salário periclitante do pai de família. (...)” (PERROT, 1988: 214)

Mudando um pouco o foco, temos que essa mulher pública e “dona-de-casa” também teriam os seus momentos nos quais seus relacionamentos amorosos ganhariam destaque.

Concordando com os arranjos técnicos de higiene do início do século XIX, a mulher, sendo ela rica ou pobre, teria que se submeter as novas normas de higiene. O Estado era o mais interessado nessas regras e através dos seus mecanismos, como os médicos juntamente com seus discursos higienistas, procuravam monitorar a população como um todo nas suas ações dentro e fora do convívio com sua casa e família.

Ainda assim, existiram grupos que iam de encontro a essas normas e, dessa forma, tinham suas atitudes combatidas, mas não eram, em sua maioria, contidas. Nesse momento, me refiro as relações amorosas dessas mulheres de classe baixa retratadas na segunda parte do livro.

A sexualidade desse tipo de mulher é uma das mais repreendidas na sociedade da época. Temos que essas pessoas que iam contra as regras de um relacionamento sadio, eram tidas como prostitutas, impuras, insignificantes (RAGO, 1997), quando nem sempre era o caso. Não é nosso objetivo abordar sobre as mulheres de “chamada vida fácil”, mas sim de observar como que algumas mulheres, como as viúvas, por exemplo, nas poesias da obra, são representadas no que consiste ao fato de poderem ter relacionamentos amorosos com mais de uma pessoa. Vejamos uma estrofe da poesia “*D’êsta’! Não S’importe, não!*” de 1896;

“(…)
 Você briga porque a viúva
 Namora com perfeição,
 E come manga por uva,
 Abacate por melão!
 Ella gosta deste engano...
 D’está! não s’importe, não.
 (...)” (RAMOS, 1896:70)

Analisando esse trecho, percebe-se que o autor parte da temática do relacionamento sentimental de uma “viúva”, aqui é passível a questão de o casamento ser legítimo, pois em grande parte desses casos, o que encontramos são os amancebamentos, ou seja, quando um homem e uma mulher passam a morar e a viver como casados.

Assim, essa poesia nos mostra que essa mulher é, de certa forma, julgada por alguém, mas e quem seria? Nesse caso, é necessário nomear esse acusador e isso pode ser feito de maneira a se utilizar os periódicos ou pasquins⁷.

Diante disso, temos que, possivelmente, o autor da obra, tendo acesso a histórias de casos amorosos entre seus vizinhos e também leituras de acusações desses relacionamentos por esses veículos de comunicação, pensa em usar como inspiração para sua poesia. Como exemplo dessa vigilância diante dos mais pobres, podemos verificar no periódico “*O Bond*” escrito na década de 1890, na sessão “*Navalhadas*”,

“As viúvas estão na ordem do dia!
Lá pelos trilhos de ferro têm havido o diabo por causa das
Viúvinhas.
E’ bom casarem depois...
Na rua do Sampaio (Apertada Hora) temos uma viúva do estouro.
Por causa de casório a freguesa tem disputado com uma messalina
Daquela rua, que faz nojo” (O BOND, 18/05/1890: 02)

Infelizmente, não temos como saber se ele teria lido essa notícia. Contudo, se o pequeno jornal relata esse caso, temos o significado de que no cotidiano do autor, casos como esses seriam frequentes.

A conclusão sobre a representação das mulheres da classe elitizada, certamente, conseguiram abarcar e acionar mais com as regras higiênicas e a seguir um perfil do que as mais pobres. Contudo, essa imposição se mostrou, entre elas, de sucesso, pois, ainda hoje, mesmo que formas disfarçadas ainda existem homens e até mulheres que pensam que para casar é necessário prezar pela virgindade, servir ao marido e aos filhos de “olhos fechados” enquanto que seus sonhos e desejos fiquem em algum plano qualquer, quando podia ser diferente.

A mulher de “Bohêmios” é uma mulher que, mesmo também contemporânea dessas regras e normas, podendo até seguir algumas que estejam ao seu alcance, mas consegue se destacar, na época um destaque negativo, por defender e agir de acordo com suas vontades no que consiste as suas relações amorosas de maneira mais aberta.

⁷ Para saber mais sobre isso, leia em SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **A cidade de Fortaleza: Pasquís pilhéricos, insultuosos e pornográficos**. In: FREITAS, Antonio de Pádua Santiago de Freitas., BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto (et al). **Pesquisa Histórica: Fontes e trajetórias**. Fortaleza. Ed. UECE/ABEU, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Edigar de - **Variações em tom menor**. Edições UFC: Fortaleza, 1984.p. 41-47.
- CHARTIER, Roger. **A história Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. s/d.
- D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. IN: PRIORE, Mary Del. (orgs). História das Mulheres no Brasil. São Paulo. Ed. Contexto, 2011.
- ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro. Jorge Zahar ed. 1994.
- GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Coleção Alagadiço novo. Ed. UFC, Fortaleza. 1997.
- HOBSBAWN, Erick. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. São Paulo. Paz e Terra. 2011.
- OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **As ideias científicas do século XIX no discurso do Club Literário**. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (et al). **Intelectuais**. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002. P. 73-97.
- PERROT, MICHELLE. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (167-231).
- QUINTANEIRO, Tania. **Retratos da Mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX**. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1996.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a Utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890- 1930)**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997. (Coleção Estudos Brasileiros: v. 90)
- RODRIGUES, Mary. **O Brasil na década de 1910: a fábrica e a rua, dois palcos de luta**. São Paulo. Editora Ática. 1997.
- SAMARA, Eni de Mesquita. SOUSA, José Weyne de Freitas. **Morar e viver no Nordeste do Brasil: Fortaleza, séc. XIX**. In Trajetos- Revista de História UFC. Dossiê: Cultura e Sociedade. Vol. 4. n. 7. 2006.
- SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **A cidade de Fortaleza: Pasquis pilhéricos, insultuosos e pornográficos**. In: FREITAS, Antonio de Pádua Santiago de Freitas., BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto (et al). **Pesquisa Histórica: Fontes e trajetórias**. Fortaleza. Ed. UECE/ABEU, 2008.
- STUDART, Guilherme. **Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense**. Fortaleza, Imprensa Universitária da UFC, 1980.
- THEOPHILO, Rodolpho. **Scenas e typos**. Ed. Fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).
- TRIGO, Maria Helena Bueno. **Amor e casamento no século XX**. IN: D'INCAO, Maria Ângela (org.). **Amor e Família no Brasil**. São Paulo. Ed. Contexto. 1989.